

Rememoração – 10 anos do NUPEM: lembranças e esquecimentos

Zueleide Casagrande de Paula¹

Resumo: O presente artigo está caracterizado como artigo-depoimento, tem o sentido memorialístico acerca da construção da história e da memória da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. Foi elaborado a partir de uma posição político-social da autora, com base em sua memória e com suportes teórico-explicativos pautados nas obras de Michel Foucault, Jacques Le Goff, Ecléia Bosi e Salles Oliveira entre outros inspiradores de ações sócio-políticas. Visa apontar a relevância da Iniciação Científica e da Pesquisa para todo o Ensino Superior no País, incluindo neste universo, as instituições desvinculadas do apoio político-econômico concedidos às universidades, como as faculdades. Procura abordar formas de resistências e de lutas que culminaram com a transformação da FECILCAM de faculdade horista à instituição produtora de pesquisa e responsável por seu lugar político de instituição socialmente transformadora da região em que está localizada.

Palavras-chave: Memória, História, Comemoração, Pesquisa.

O Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar – NUPEM, faz 10 anos. Esta edição da revista do NUPEM, tem um caráter especial, o da comemoração. Minha condição neste universo da revista é honroso mas ligeiramente desconfortável, pois ao mesmo tempo em que me coube lembrar os caminhos pelos quais passaram as proposições que levaram à implantação do NUPEM e a implantação da Iniciação Científica (IC), também devo apresentar um texto rememorativo. Diante desta tarefa, tentarei abordar questões de ordem memorativas e outras informativas, mas deixo claro ao leitor, elas irão se entrelaçar na textura da escrita e podem deixar a desejar quanto ao seu caráter de cientificidade, contudo proponho-me a recorrer a autores cujo escopo teórico sustentam suas pesquisas em suportes próximos aos que proponho, a memória como instrumento da formação de uma identidade coletiva.

Portanto, início com um pensamento de Michel Foucault, que do meu ponto de vista, é uma das “mentes mais brilhantes” do século XX, e que

contribuiu significativamente para o campo do saber a partir de suas reflexões nos domínios da psicologia, história, política e da filosofia, no sentido de nos possibilitar a compreensão do processo que envolve a FECILCAM, o NUPEM e a Iniciação Científica (IC). Assim dizia Foucault:

Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo proferir hoje. Gostaria de perceber, que no momento de falar, uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensão. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 1996, p.6).

O trecho neste destaque está no texto intitulado a “*Ordem do Discurso*”, um discurso que inaugurou a iniciação de seu percurso acadêmico como professor, e foi para mim, uma inspiração ao longo de minha vida acadêmica, pois mais que os outros livros que eu tenha lido, este me acompanha a muito tempo e me orientou e orienta em exemplos de práticas, reconhecendo as devidas proporções de tempo e lugar, instituição e lugar no mundo.

Desde os meus primeiros anos de graduação acompanha-me, encontrei Michel Foucault em uma nota de rodapé, e fui buscá-lo no labirinto dos livros das estantes da biblioteca de minha faculdade na época, pois a citação era em francês e eu não tinha certeza de que encontraria aquela obra ali. Embora eu passasse boa parte de minhas horas vagas (sábados e domingos a biblioteca da Universidade Estadual de Maringá – UEM ficava aberta) naquele espaço, pois era um lugar prazeroso, além de eu conhecer praticamente onde ficavam os livros nas estantes, não lembrava deste autor. Isso era 1984.

Graduei-me e com os instrumentos dos quais eu dispunha, tentei cumprir o desejo de meus mestres e o meu, o de ter uma atuação política, de ver materializada a visão de mundo pela qual fiz escolha. Neste universo estão os autores, ou a orientação histórico-política que segui desde aquele

tempo e que me levou para a FECILCAM como professora. Inclusive, ou, principalmente, a orientação e visão de mundo oferecida pelas leituras sobre as obras de Michel Foucault.

Foram elas que deram a materialidade daquilo que eu suponho, fossem os orientadores para as minhas práticas políticas na educação. A palavra proferida é que possibilita ao outro entender qual é a materialidade do mundo a qual nos referimos, visto que é a partir das palavras pronunciadas ou escritas em nossos discursos que a materialidade da palavra ocorre, ou seja é a palavra que dá forma ao mundo.

Foucault alerta que nossa pressa em atravessar o discurso é desmedida, pois, é a travessia do discurso que o torna necessário e oportuno, não podemos atravessar sem tê-lo pronunciado, visto que toda a ritualização de sua instituição está no pronunciamento. O discurso ao qual me refiro, foi pronunciado por Michel Foucault quando se tornou professor na escola em que estudava e substituiu seu mestre que havia morrido. Jean Hyppolite o havia conduzido durante a vida acadêmica, foi seu orientador em sua iniciação científica, em seu TCC, e foi seu interlocutor em sua obra maior, que mais tarde tornou-se um celebre livro intitulado a *“História da loucura”*. Desejava Foucault, que seu mestre pudesse ver que ele, enquanto seu discípulo, enquanto seu educando, seguiu os caminhos do mestre e estava naquele momento, proferindo o discurso de posse como professor que ocupava a cadeira do mestre.

Se para Foucault, seu desejo maior era que seu mestre, a quem ele estava substituindo, estivesse a ouvi-lo, pois ele finalmente respondia aos seus investimentos, eu poderia dizer que enquanto aluna de uma graduação que me formou para um fim específico, qual seja, ser atuante politicamente, não vislumbrei outro caminho para atingir este fim senão o de ser professora. E foi a FECILCAM que me recebeu como professora efetiva e que me deu a oportunidade de iniciar minhas práticas neste mister. Portanto, a memória é um dos instrumentos fundamentais para que possamos nos posicionar. A memória é, nesta perspectiva de lugar discursivo, inclusive, um instrumento de poder. E por este motivo esse é um lugar desconfortável. Dizer do passado e lembrar pode contemplar uns e não outros, agradar uns e não outros, porém, é sabido por todos os que

ainda compõem o quadro funcional da FECILCAM que a mudança em seu cenário é resultado da vontade coletiva e de um processo político que marcou o Estado e o País por meio da abertura política que aqui reverberou na década de 1990. Portanto este percurso é resultante de um trabalho de grupo, mesmo que, no caso do NUPEM, tenha sido proposto inicialmente por mim, movida por um ideal nascido em minha graduação. Logo é nesta base em que se encontra o desconforto da tessitura desta rememoração em texto, dar-lhe forma pois, tem um papel institucionalizador, por ocupar um lugar entre uma série de comemorações. Ao mesmo tempo em que é rememorativo é portador de uma sensibilidade histórica, toca a construção da identidade das gentes deste lugar por ter sido um trabalho coletivo e político, assumir a responsabilidade de tratá-lo no singular é um risco, um perigo.

Assim sendo, para tratá-lo, busco na interpretação que Paulo de Sales Oliveira em seu artigo intitulado: *“Memória e Sociedade: ciência poética e referência do humanismo”*² em que fez suas reflexões a respeito do livro, *“Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”*, de Ecléa Bosi. Neste artigo analisa a repercussão que um livro como o de Ecléa Bosi cujo tema é a memória – está em sua décima terceira edição – trouxe para a sociedade brasileira. A pergunta é: o que pode tal obra trazer de contribuição a respeito da memória histórica?

Em sua análise, Oliveira relaciona a memória ao exercício da profissão do pesquisador e afirma que é comum em Psicologia estudos em que as identidades reais aparecem ocultas por nomes fictícios, (além do que) nada do que o paciente diz é tido como de valor cristalino e (finalmente) o sentido ou a verdade da história somente se revela sob a interpretação dada pelo doutor. Mas Oliveira, nesta análise, convida Scheibe para o debate, e eis que este diz que Ecléa Bosi *“apresenta o raro espetáculo no qual a psicóloga simplesmente se entrega ao material que colheu de um modo especial: não o submete a si, de maneira alguma; em vez disso, o investe da mais elevada dignidade humana”*.³

Chamar Ecléa Bosi, Scheibe e Oliveira, para este nosso diálogo, nesse momento, significa buscar compreensão para a relevância da memória histórica da FECILCAM, significa retomar nessa memória a história

da instituição e deparar com sua história, uma história de superação. É neste lugar de rememoração de um trajeto percorrido por meio da memória individual que proponho o liame da memória coletiva, aquela que responde, de acordo com Jacques Le Goff,⁴ por identificar as ações de uma comunidade em sua identidade.

Não tenho números sobre a FECILCAM, mas sei, por sua abrangência social na região, que desempenha hoje um papel significativo e caminha para a consolidação de ações político-educacionais com o intuito de contribuir para a mudança da paisagem histórica da região em muitos de seus elementos constituidores, como por exemplo, o de mudar o baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de alguns municípios.

A inserção desta instituição na região, nos moldes em que hoje se apresenta, por meio dos grupos de pesquisa e dos trabalhos de extensão, promete uma mudança clara do cenário regional e é por este motivo que recorro a memória como elemento condutor na tessitura deste texto-memória. Este artifício de recorrer a memória como instrumento de historiar também é uma forma de apresentar aos novos professores e alunos os caminhos trilhados por aqueles que já estavam na instituição e a fizeram até onde outros vieram a compor seu corpo institucional e empreender também a jornada.

Como disse, não tenho números, trago apenas as lembranças e é com este instrumento do ofício do historiador que tem o papel de olhar para o passado que faço este artigo-depoimento. Faço-o, ancorada sobretudo no pensamento de dois historiadores, Pierre Nora e Jacques Le Goff, acerca dos lugares de memória e da memória coletiva como o resultado do vivido sobre aquilo que ficou no passado a respeito de um grupo, ou ainda, a construção da memória coletiva, com base nessa idéia de comemoração apontada hoje pelo próprio NUPEM, ao olharmos para o nosso passado, mas não é qualquer olhar, é um olhar específico e ciente de que há um proveito deste passado vivido nesta *arte do seu fazer*.

Ainda nesta perspectiva da memória, lembro o historiador Michel Polak, por meio de seu artigo, “*Memória, Silêncios e Esquecimentos*” quando trata dos subterrâneos da memória e dos silêncios produzidos sobre aquilo que não nos é bem-vindo, sobre lembranças das quais fazemos questão de

não lembrar e de não tratar, pois seu melhor lugar é no esquecimento.

As lembranças às vezes nos ferem, mas por outro lado, elas podem nos fazer ver a mudança, *a qual nível de mudança* uma comunidade pode chegar. É neste sentido que trato dos esquecimentos e dos silêncios produzidos. Pois a memória é constituída também de silêncios, esquecimentos, arquivos, lugares de guarda, linguagens disponíveis para nosso uso como a trata Luiz Carlos Borges⁵ em seus contos, contos estes que nos levam a refletir sobre os lugares de memória.

Diante disso eu diria que a Iniciação Científica – IC, era um sonho acalentado por mim ao longo de muitos anos, desde que cheguei a FECILCAM em 1992. Minha formação na UEM visava preparar-nos para a atuação em outras instituições e como agentes políticos de transformação, visto que minha formação era oriunda da primeira turma do curso de História depois que o curso passou para licenciatura plena. Meus professores insistiam em que fossemos professores e fincássemos marco onde estivéssemos. Era a formação oferecida por aqueles que se libertavam da ditadura militar centrados num processo de liberdade política que passou a marcar o país a partir de 1982 com a abertura política.⁶

Entre 1980 e 1987, freqüentei durante três anos o curso de Pedagogia e cinco anos o curso de História, com interrupções por questões financeiras, já que as instituições de ensino superior estaduais do Paraná, eram pagas. Eu havia aproveitado o núcleo comum das disciplinas do curso de Pedagogia para o curso de História, sobrando assim, quatro anos para completar o curso de História. Naquele momento era preciso transformar o país e para esse mister fui formada. A graduação é uma formação marcante, de tal forma que não nos livramos jamais, seja em ideais ou idéias. Esse conhecimento se transforma mas não nos abandona.

Este era um período que no caso de Campo Mourão, não diferente de Maringá, a cidade ainda tinha em seu imaginário social, na perspectiva apontada por Bronislaw Baczko⁷ a existência da ditadura militar. Mesmo que a abertura política tivesse sido iniciada em 1982, dez anos era pouco tempo para superar um passado ligado a uma submissão histórica. Durante este período tivemos eleições que, lentamente, conduziram o país ao processo democrático.

A cidade de Campo Mourão apresenta em sua história, nos primeiros anos do século XX, uma relação conflituosa de litígio de terras e durante a ditadura passou por ações intensiva e ostensiva da TFP (movimento Tradição, Família e Propriedade),⁸ esta é apenas uma das manifestações da ultradireita na cidade, para não falar de instrumentos da ditadura que vigoraram e produziram silêncios. Portanto, uma comunidade com esse caráter em seu cotidiano tinha instituições de ensino reverberaram essa condição em suas sustentações mentais e simbólicas. A desconstrução dessas estruturas mentais e simbólicas foi sendo desmontada, no que se refere a FECILCAM, dia após dia. Ocorreu por ações locais e também por pressões externas à cidade e a região, em razão das mudanças políticas no país. A cidade mudou e as instituições de ensino também.

Durante meus primeiros anos na FECILCAM percebi que era impossível tratar do tema IC porque não era tempo e lugar para isso, embora eu viesse de uma formação de iniciação científica na UEM, e do exercício de uma pesquisa de balcão do CNPq durante 14 meses voltada oito horas diárias à pesquisa, finalizada em fevereiro de 1992 (pesquisa que possibilitou o texto de Especialização e posteriormente sustento quase a totalidade das fontes jornalísticas usadas no texto de Mestrado).

Meu ingresso na FECILCAM foi em março de 1992 e mesmo que minha formação na pesquisa fosse verticalizada não pude mencioná-la por anos, pois a instituição era horista. Sempre que a idéia de pesquisa vinha a tona deparava-me com uma estrutura ainda centrada na política de fiscalização e controle da qual trata muito bem Michel Foucault⁹ em sua obra *“Vigiar e Punir”*, quando aponta por meio das instituições carcerárias, a força e o controle da punição para a sociedade que transcende os valores por ela instituídos. O autor parte do modelo arquitetônico panóptico em cuja configuração estética, foi construída a FECILCAM. Este modelo segundo Foucault, pode ser entendido para analisar a sociedade ocidental e os modelos punitivos nas prisões, escolas e nas fábricas, estendendo-se para a sociedade como um todo. A FECILCAM foi construída ainda durante o período militar e seguiu este modelo arquitetônico que vamos encontrar também na estrutura estético-arquitetônica das salas de aulas do CLCH da

Universidade Estadual de Londrina, construídas também no mesmo período.¹⁰

A arquitetura contribuía para que houvesse o controle. No caso da FECILCAM a estrutura arquitetônica acentuou-se com o passar do tempo também em função do pouco espaço disponível para edificar e responder às exigências referentes ao seu crescimento.

A transformação política de reação a este modelo institucional começa a ocorrer com a entrada de novos professores, ex-alunos da FECILCAM e que se põem a questionar, inclusive protestar contra as práticas discursivas e fiscalizadoras, ainda resquícios da ditadura, que eram praticadas.¹¹ Não lembro bem, mas era meados da década de 1990.

Estes ex-alunos, agora professores, possibilitaram que outros professores da instituição, que haviam entrado em 1992, pudessem engrossar o discurso da mudança. Naquele tempo demorávamos para conhecer um professor de outro Departamento, sem considerar que quem tinha a formação oriunda de outra instituição tinha um tratamento diferenciado e em sua maioria era “viajante”, pois não residia em Campo Mourão.

Quando chegamos aqui, o prédio da FECILCAM ficava fechado. Abria um turno durante o dia, só para atender o expediente administrativo. Fechava ao final da tarde e quem vinha de outra cidade, como no meu caso, tínhamos que esperar a instituição abrir próximo ao horário de aula, ou seja, perto das 19:00h para ter acesso às instalações internas. Havia um controle através de um livro ponto e que era assinado 15 minutos antes de entrar em sala, e ao final do turno, neste tempo a instituição tinha um RH forte e controlador exercido por uma funcionária de quem não lembro o nome. Em 1993 consegui minha transferência do ensino fundamental e médio do Colégio Silvío Magalhães Barros em Maringá para o Colégio Osvaldo Cruz em Campo Mourão, passei a morar durante a semana na cidade de Campo Mourão.

Neste momento e nesta ordem do discurso, é preciso tratar dos esquecimentos e dos silêncios. Assim, chamo a atenção para o passado que não desejamos lembrar porque as lembranças às vezes nos ferem. Foi traumático para quem não conhecia aquele tipo de controle. Nas

universidades o controle já passava pelo que se produzia, não por tempo em sala e por quantidade de aulas dadas. Só mais tarde fui entender que as faculdades funcionavam naquele modelo mesmo que estaduais, porque eram instituições horistas.

Também soube, mais tarde, que a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) nos moldes que tem hoje, foi fundada em 1995, até aquele momento era uma secretaria acoplada a outra e seu caráter era de diretoria. Esteve vinculada a Secretaria de Indústria e Comércio¹² até sua criação. Os interesses do estado priorizavam as universidades. Havia um ou dois funcionários que respondiam pelas faculdades, dificultando assim, as relações entre as instituições e o governo de estado.

Com a fundação da SETI com seu espaço e pessoal próprio, as faculdades passaram a ser ouvidas por intermédio de suas representações nas figuras dos diretores, que eram convidados a participarem de algumas reuniões, com os reitores das universidades. Ainda assim, eram pessoas sem voz dentro do cenário das relações estaduais de ensino superior no Paraná. À medida que a SETI foi se estruturando possibilitou sobremaneira a abertura política nas faculdades do estado, pois voltou-se também para elas.

Hoje sabemos que a FECILCAM foi uma das instituições que se fez notar por suas representações nas reuniões da SETI sobre o futuro das faculdades no estado. Ainda na década de 1990 sentíamos na FECILCAM a mudança que viria a marcar os espaços das faculdades paranaenses. Para que possamos ter uma idéia da precariedade de funcionamento da FECILCAM, por volta de 1992 seu quadro docente era composto por não mais que três professores mestres e estes foram buscar sua qualificação movidos por interesse próprio. A política interna era de proibição da qualificação docente. Esta proibição se manifestava em atribuição de uma carga horária máxima e o professor ficava impossibilitado de preparar-se para o mestrado, assim como a autorização para sair era carregada de dificuldades. Mas a persistência de alguns professores levou-os à capacitação docente antes que as políticas de promoção das faculdades chegassem através das políticas da SETI.

Não sem razão, dado a formação e postura política e ideológica a qual enfrentava, as mudanças oriundas de uma nova secretaria de estado e das mudanças políticas do país, a gestão do professor Marcos Erhardt e da professora Sinclair Pozza Casemiro, foi de transição. Esta afirmação se pauta no fato de esta gestão ter absorvido as mudanças oriundas da SETI como a de uma Secretaria de Estado que pela primeira vez na história do ensino superior no Paraná, lembrava que havia neste Estado, faculdades e que estas não estavam vinculadas a nenhuma universidade e em sua totalidade funcionavam como horistas, atendiam um elevado número de alunos nas regiões mais distantes no interior e na periferia do território parananense.

No bojo destas mudanças nasce na FECILCAM o sonho da universidade local. Mas uma universidade não se faz de sonhos, era preciso traçar metas, políticas de ação e muitas e muitas vezes, trabalhar muito mais que o necessário para que os espaços fossem demarcados pela produção e a vontade se materializasse. É dentro deste universo de transformações que nasce o NUPEM.

Este era o momento da pesquisa integrar o quadro das aspirações a tanto tempo acalentada. A proposição de formar um núcleo de pesquisa que comportasse um trabalho de debate e projetos de pesquisa foi apresentada em meu projeto de TIDE protocolado em fevereiro de 1999 e aprovado em 07 de julho de 1999 pela portaria 050/99-D. O projeto foi resultado do trabalho realizado durante o ano de 1998 junto aos alunos das disciplinas de *“Metodologia e Técnicas de Pesquisa”* (METEP), mas sobretudo aos alunos do Curso de Engenharia de Produção Agroindustrial onde ministrava esta disciplina e na qual acompanhei as pesquisas para os projetos como se fossem uma IC. Muitos deles saíram com projetos finalizados e até para proposição inicial aos orientadores que foram praticamente convencidos a orientar estas primeiras IC de tal forma que havia professor de Pedagogia, História, Administração, não lotados no Departamento de Engenharia orientando aluno de Engenharia. Não havia orientador e os alunos desejavam ser orientados, a política era de negociação e o caráter multidisciplinar do NUPEM permitia tais práticas.

A disciplina de METEP teve um papel fundamental na feitura do NUPEM, pois os alunos que faziam as disciplinas tinham uma idéia geral do

que vinha a ser a IC nas primeiras aulas e passavam a se interessar por ela. Depois de 10 anos para quem chegou a pouco tempo na FECILCAM não será possível alcançar, dimensionar o quadro político e educacional que marcou essa transição a que me refiro. Muitas vezes a direção foi cobrada por sua “displícência” com as normas e para coma aplicação da legislação. O NUPEM foi um desses casos, passou a funcionar a partir da data de protocolo em fevereiro e durante todo o primeiro semestre de 1999 embora só tenha sido aprovado o projeto que o propunha no segundo semestre deste ano. Esta prática também era uma forma de a direção pressionar a SETI a respeito dos resultados positivos na instituição. Essa prática já vinha ocorrendo durante todo o ano de 1998, o trabalho que o NUPEM realizava foi apenas formalizado em projeto, portanto, a legalização e a definição de uma nomenclatura que nomeasse o que se fazia além das disciplinas de metodologia e como os projetos resultantes dela eram desenvolvidos, foi apenas uma formalidade administrativa.

No curso de Geografia o caminho trilhado foi o mesmo da Engenharia. Este processo era o de elaborar projetos de pesquisa mas o curso de Geografia era licenciatura e por este motivo não havia ao final a defesa de TCC o que diferia do curso de Engenharia e a preocupação coletiva do Departamento era o estágio. Entretanto o Departamento de Geografia tinha sob sua responsabilidade a Estação Meteorológica e a Estação do Cerrado, o que abria caminho para os argumentos na disciplina de metodologia para a proposição de uma pesquisa de porte neste curso mesmo que não estivesse vinculada ao estágio de Licenciatura. Estes argumentos foram encampados por alguns professores do Departamento que incentivaram ao desenvolvimento dos projetos dos alunos mesmo que fosse para penas apresentar em um pequeno evento. Assim também foi fundamental o apoio do curso de Geografia. Os demais cursos vieram depois em 2000 quando o NUPEM era um espaço formalizado dentro da instituição. Mas a gênese do NUPEM está na disciplina de “*Metodologia e Técnicas de Pesquisa*” ministrada nestes dois cursos.

A proposição de um projeto multidisciplinar visava permitir que meu trabalho pudesse continuar. Naquele momento não tinha dimensão do resultado deste trabalho, pois dependia de inúmeras proposições e

situações ainda muito insipientes em suas origens para que pudéssemos obter resultados. Durante o ano de 1998 trabalhei no espaço do Departamento de Ciências Sociais, porém o fluxo de alunos “tirou o sossego” do Departamento e assim a reclamação levou a direção a cobrar que aquele trabalho aparecesse em projeto, uma vez que não estava sistematizado e ninguém tinha muito claro o que se fazia de excepcional já que em disciplinas ministradas com a mesma finalidade este trabalho não era necessário. Diante desse argumento propus o trabalho de forma sistematizada em projeto e o protocolei no início de 1999.

Para que o trabalho pudesse obter resultados era preciso contar com a colaboração de outros professores que se dispusessem a orientar alunos em seus projetos, neste momento nasce a idéia de formalizar IC, de institucionalizá-la. Um levantamento da documentação da FECILCAM aponta como o processo foi atropelado por ele mesmo. Há uma confusão de datas em portarias e também não foi localizada a portaria de minha nomeação para a direção do NUPEM. Estas portarias não poderiam ser localizadas realmente, pois não existem. O NUPEM é resultado de um processo de trabalho formalizado em projeto de TIDE. O projeto propunha desenvolver práticas de estudos em forma de núcleo de pesquisa e foi proposta em razão da minha formação de historiadora que buscava demarcar um espaço de trabalho, visto que não havia espaço para orientação no Departamento, pois essa prática não era usual. Não fosse essa precariedade física talvez o NUPEM não tivesse sido criado, não como foi proposto: núcleo multidisciplinar. Visa pois permitir que pudesse orientar os alunos das disciplinas de metodologias oriundos de cursos diversos em seus projetos. Naquele momento, as condições que estavam postas socialmente pela conjuntura, conduziram para essa finalidade para a qual foi dirigida o NUPEM e a Iniciação Científica. Explica-se assim, porque as datas de portarias não convencem, pois à medida que a urgência batia à porta era preciso atendê-la e esta urgência não teve uma seqüência lógica, não houve planejamento, a vontade de potência produziu e encaminhou os acontecimentos.

O Programa de Iniciação foi criado porque nossos alunos não podiam participar de eventos de IC no Estado com suas pesquisas visto que

não pertenciam a um Programa de IC. No início de 1999 recebemos o folder de divulgação do VIII Encontro Anual de Iniciação Científica (EAIC) que seria realizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, entre 27 e 30 de junho daquele ano. Ao contatá-los soubemos que nossos alunos só poderiam apresentar trabalho na categoria painel que correspondia naquele momento dentro dos eventos de IC a trabalhos de qualquer natureza, menos de IC, pois a categoria comunicação era destinada a estudantes que estavam inscritos em PIC ou PIBIC. Essa informação fez com que a direção da FECILCAM acelerasse o processo de criação do programa na instituição para que nossos alunos pudessem apresentar o resultado parcial de suas pesquisas, o que resultou na participação de todos os que se inscreveram e na categoria comunicação. Este foi o primeiro evento do qual a FECILCAM participou com seus alunos de IC.

Neste momento, uma parte considerável dos professores da FECILCAM era constituída de regime de trabalho de T24 e ministravam aulas em outras instituições e os que eram regime T40 não haviam desenvolvido a prática de permanecer na instituição, de orientar, ou desenvolver pesquisas, com raríssimas exceções às quais estavam ligadas à estação meteorológica que necessitava de estagiários e não fechava mesmo nas férias, o que levava suas coordenadoras às práticas de trabalhos de extensão e as de pesquisa, por este motivo explica-se porque a Geografia foi o curso que compunha a grade dos já existentes na instituição que apoiaram prontamente a proposta do NUPEM.

Havia na instituição uma Diretoria de Pesquisa, mas esta não tinha informações acerca da Iniciação Científica visto que o quadro de funcionário, naquele momento, já era pequeno e a preocupação maior deste corpo funcional – Chefia de Pesquisa, Diretoria de Pesquisa e Coordenação Geral – estava voltada para os cursos de Especialização (Os cursos de Especialização pagos, naquela ocasião, se tornaram o único meio para burlar as dificuldades financeiras que atingiam a FECILCAM e assim tornaram-se prioridade naquela época).

Não havia na Instituição professores que soubessem o que significa a IC e tão pouco como criá-la. Diante desse impasse, o NUPEM, cujo objetivo consistia em debater a pesquisa, mas mais especificamente a Iniciação

Científica, se propôs a implantá-la de fato com o apoio e autorização da direção e da instituição. Buscou-se orientação junto ao CNPq que norteou os procedimentos, mas encaminhou as práticas no sentido de que a FECILCAM buscasse apoio em suas vizinhas UEM e a UNIOESTE.¹³

Outro fator decisivo foi a participação nos congressos de Iniciação Científica no Estado e fora dele, pois que permitiram aos alunos a visão necessária para ter em vista melhores metas. As reuniões que eram feitas periodicamente com esses alunos e a orientação para que acatassem sempre qualquer crítica, que não perdessem de vista o lugar de onde falavam na ordem das instituições em cujo espaço apresentassem seus trabalhos, ajudou a conquistar espaços. Por esforço dos orientadores os alunos da FECILCAM nunca sofreram críticas severas como outros que às vezes eram profundamente criticados nos eventos. Estas avaliações dos conselheiros do CNPq nos eventos nos davam os parâmetros de avaliação do trabalho do NUPEM. As observações levantadas pelos conselheiros nos eventos levavam muitos dos alunos ao regozijo, não porque eram melhores, mas porque sentiam que conquistariam espaços em suas carreiras acadêmicas e creio que alguns depoimentos registrados nesta revista corroboram esta afirmação.

Contudo tínhamos um problema sistêmico, a origem horista da FECILCAM, este precisava ser superado. Era um desafio que não desestimulou os alunos e primeiros professores do Nupem.¹⁴ A forma que encontramos para pressionar os professores a aceitar a orientação foi a de fundar dois grupos de estudos com os alunos que desejassem estudar, um no meio da semana e outro no sábado. Houve adesão e aumentou significativamente o número de alunos desejando a orientação. Neste grupo foram realizadas leituras e debates de textos teóricos em que o conteúdo priorizou a ciência, o método e a metodologia, como por exemplo: o livro da Coleção Primeiros Passos: *“O Que é Dialética”*. Os originais dos textos: *“A Assim Chamada Acumulação Primitiva de Capital”* de Karl Marx e *“O Método”* de Descartes. Na seqüência dessas leituras o grupo optou por Edgar Morin e seu livro *“Ciência com Consciência”*, que encerrou com uma visão pós-moderna de ciência e por muito tempo Morin era o autor mais citado pelos corredores da FECILCAM.

Os alunos não sabiam o que era a iniciação, mas queriam fazer, para resolver as dúvidas dos alunos que não haviam freqüentado a disciplina de METEP, foi oferecido um curso em 2000, cuja proposta tratava de dirimir dúvidas e orientar o projeto com o intuito de que o aluno chegasse ao professor com o projeto pronto apenas para adequações. Seu conteúdo tratava da Resolução normativa do CNPq que orientava a IC, explicava-se a diferença entre graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, e o lugar da IC neste processo de formação acadêmica. Além de esclarecimentos dessa natureza, também foram realizadas leituras e debates de textos teóricos em que o conteúdo priorizou a ciência, o método e a metodologia, como por exemplo: o livro da Coleção Primeiros Passos: “*O Que é Dialética*”. Artigos de autores que discutiam o papel da Ciência, como um texto de metodologia de Gaston Bachelard, outro de Paulo de Oliveira Sales e de Marilena Chauí. O curso teve duração de trinta horas.

O NUPEM trabalhou, nesse ano com monitores que faziam todo tipo de atividades. Estes monitores eram alunos do curso de Pedagogia, não porque esta tenha sido uma exigência do NUPEM, mas por não existir na instituição uma prática de monitoria com exceção do Departamento de Geografia, e porque esses alunos estavam mais ligados diretamente à educação e se sentiram incentivados a praticá-la nas monitorias. Não havia nenhum funcionário a disposição do NUPEM, seu funcionamento era todo realizado com monitores sem remuneração.

No ano de 2001 foi contratada a estagiária Beatriz, aluna de Pedagogia que já era formada em Administração de Empresas e havia trabalho no ano de 2000 como monitora. À está ex-aluna o NUPEM deve muito de sua organização inicial. Sua visão administrativa ajudava a que se encaminhassem a documentação e a ordenação funcional do núcleo, além de ser uma aluna e seus interesses estarem voltados para o aprendizado em sua área. Era disciplinada e sua vontade de aprender sempre se destacou. Outro estagiário contratado foi Sivaldo¹⁵ aluno da Geografia, ambos trabalhavam dentro da cota de estágio concedia pelo governo à FECILCAM como forma de suprimir a deficiência de funcionário e pautado no discurso do jovem aprendiz. Estes estagiários participavam de todas as atividades fossem de trabalho ou de atividades acadêmicas, esta mobilidade dos

estagiários do NUPEM incomodavam aos funcionários efetivos que viam uma certa proteção a estes estagiários e quase um descompromisso por parte deles para com o trabalho. A falta de compreensão do papel do NUPEM e dos estagiários leva a este tipo de censura, mas foi de suprema ajuda a participação deles durante os anos de 1999 e 2000. O NUPEM realizava incansáveis reuniões com os professores que aderiram à proposta e que deram sustentação a ele para discutir o encaminhamento e absorver as informações, pois tudo era muito novo e todas as decisões eram tomadas em grupo. Sem o apoio dos estagiários o trabalho no NUPEM não teria se efetivado.

Além dos grupos de estudos que se formaram e do curso de metodologia para preparação de projetos foram ministradas aulas no laboratório de informática durante todo o ano de 1999 e trabalhadas as ferramentas de suporte on-line para que os alunos pudessem fazer pesquisas em órgãos de fomento, nas universidades, institutos de pesquisas, revistas de áreas on-line e, para que os alunos soubessem usar o computador. Talvez, com a velocidade que caracteriza nosso tempo, seja difícil entender que em 1999 o computador tinha um acesso restrito e poucos eram os professores que trabalhavam com ele em seu cotidiano, para a maior parte dos professores o computador era de pouquíssimo uso e um instrumento para o qual não se tinha domínio. Também os alunos não tinham acesso a esse instrumento tecnológico e a internet era algo novíssimo, o que levou-nos a oferecer tais aulas.

Outra atividade relevante, ainda em 1999, foi a de colocar todos os professores no laboratório da FECILCAM e cadastrá-los na base da Plataforma Lattes. Com raras exceções ninguém conhecia esta plataforma, este trabalho foi extremamente desgastante pois havia resistência em realizar este cadastramento, mas como o NUPEM procurou seguir a risca a orientação do CNPq e das instituições vizinhas, o cadastramento foi realizado a contragosto de muitos professores cujo currículo não tinha muito que o registrar. Assim esta atividade não poderia deixar de ser mencionada, não pelo trabalho em si, mas por sua significação política, vencíamos mais uma resistência e simbolicamente o fato de todos os professores cadastrarem-se mesmo que depois tenham esquecido que

havia feito tal cadastro, colocou a FECILCAM numa condição única no estado, pois muitas faculdades só vieram a fazer tal cadastramento anos depois quando a SETI encaminhou documentação neste sentido. Ainda em final de 1999 o NUPEM montou uma equipe da qual fizeram parte a professora Nair, professora Zueleide, o funcionário Leandro e a monitora Beatriz cujo trabalho foi o de montar um relatório e encaminhá-lo ao CNPq como meio de informá-los, porém este relatório foi finalizado em 2000 e levando em mão pela professora Sinclair e junto uma solicitação de reconhecimento do programa de IC, o que obviamente não correu.

No ano de 2000 muitos alunos conseguiram orientadores. Os professores estimulados pelos mestrados interinstitucionais¹⁶ instigaram-se a orientar, além de os alunos chegarem com projetos semi-prontos. Outro foi realizado entre a FECILCAM e a UNESP de Araraquara com público alvo voltado para o curso de Letras. No Departamento a adesão ao programa de Araraquara ocorreu em sua quase totalidade. Estes professores ficaram sobrecarregados por medidas do próprio programa nos quais faziam seus mestrados, visto que tiveram que conjugar as atividades na FECILCAM e o mestrado. Não dispunham de muito tempo, pois além de manterem-se em sala de aula, faziam os créditos do mestrado e orientavam na IC, isso gerou uma sobrecarga de trabalho e as pesquisas foram andando muito lentamente, pois eram poucas as reuniões entre alunos e orientadores.

Porém, nem todos os professores estavam em programas interinstitucionais e com aqueles os alunos obtiveram maiores rendimentos. Isso ficou visível em eventos científicos em que os alunos melhores preparados tiveram boas avaliações. O Programa de Iniciação Científica não criou bolsa como pedia a resolução 014/97 do CNPq, mas, concedeu uma cota de xerox de 60 cópias mensais aos alunos do Programa, uma caixa de disquete anual, e o custeio de três eventos durante o ano para todos os alunos que faziam pesquisa. Esse apoio levou vários alunos a participarem dos encontros de IC do Estado promovidos pelas universidades, do encontro de IC da Universidade Federal de Porto Alegre e do encontro internacional da USP. Dois de nossos alunos receberam menção honrosa na USP por suas apresentações.

Porém, nossos professores e o próprio setor de pós-graduação

gerenciador do setor de pesquisa desconheciam o conteúdo da resolução Normativa 014/97, isso se tornou um empecilho, pois era defendido amiúde que os alunos deveriam pagar para freqüentar os eventos, deveriam arcar com as despesas de pesquisa.

Um trabalho de base junto aos Departamentos foi sendo realizado paralelamente e com o apoio de todos os professores interessados, o NUPEM foi expondo o que significava a IC no âmbito da pesquisa como um todo. Por parte da direção foi realizado um trabalho de convencimento junto aos professores para que buscassem uma qualificação, pois do meu ponto de vista, foi muito mais de convencimento que conscientização.

A FECILCAM optou por qualificar primeiro seus professores, mas a cobrança e controle da participação em eventos em que os professores participassem e apresentassem os resultados de suas próprias pesquisas, só passou a ocorrer na primeira gestão do professor Antonio Carlos Aleixo e ainda de modo muito gradual, pois este professor entendia que assim deveria ser para se alcançar a conscientização e não o convencimento. Antes desta gestão cobrança a respeito do currículo vinha por parte dos alunos que passaram a escolher seus orientadores ao buscar a pesquisa de iniciação.

Os professores que tiveram uma formação fora da instituição e que seguiram buscando a qualificação no mestrado e doutorado por conta própria possuíam currículos melhores, os demais, tinham seus currículos com pouquíssimas participações em eventos científicos reconhecidos, com raras exceções e sentimos até que muitos tinham um certo receio em participar desse tipo de atividade. Isso era tão evidente que os próprios alunos que faziam pesquisas e frequentavam aos eventos percebiam o desinteresse de seus orientadores, e uma atenção acentuada voltada para cursos de especialização ou extensão remunerados, em detrimento de atividades não remuneradas como pesquisa e eventos científicos.

A idéia de privatização era muito forte em quase todo o corpo docente, embora, diziam que defendiam o ensino público e gratuito. Enfim, os problemas que enfrentamos para desenvolver a pesquisa na FECILCAM teceram esse quadro e foi dentro dele que nos atrevemos a propor a IC.

Pierre Bourdieu no livro *“A Dimensão simbólica da Dominação”*, fala

sobre a educação no Brasil, e lembra que aqui vivemos uma apartação social. Este sociólogo é um dos nossos visitantes, a sua forma de ver e analisar o país serviu de base para sustentar muitos debates e estimular o pensamento acerca das cotas de inclusão social, não que ele a defendesse, mas seu pensamento serviu para que outros fizessem uso para tal fim. É possível que dentro das universidades esta apartação seja muito mais explicitada, hoje mais que nunca passamos por uma condição do fazer e não observamos a qualidade do fazer. É possível que a inclusão não tivesse ocorrido não fossem as leis impositivas para tanto. Toco na questão das cotas porque vejo que a FECILCAM entre as muitas instituições de ensino do Estado conseguiu atingir uma condição muito boa ao final destes dez anos, mas gradativamente foi inserindo em suas práticas a inclusão social e sua história o mostra. Mesmo hoje quando sentimos reverberar nas universidades o discurso da burocratização do conhecimento, enquanto esta burocratização estava na instituição era ainda possível de lidar, mas quando passa para o conhecimento, esse quadro é agravado exponencialmente, vemos que na FECILCAM a preocupação com a inclusão social permanece e suas práticas não foram atingidas pela burocratização exasperada como já ocorre nas universidades.

O tempo dado as Ciências Humanas nos cursos de mestrado e doutorado são exíguos, em comparação aos cursos de aplicação do conhecimento e conseqüentemente, levou a uma queda no resultado da produção acadêmica desses trabalhos. Obviamente, durante a quase totalidade do século XX, foram muitos os casos de abuso do dinheiro público e dos tempos de qualificação docente que permitiram a muitos profissionais não terminar seus cursos e usufruir de bolsas sem nunca reembolsar o Estado e a União no alto investimento que tiveram. No entanto, caímos agora na política da quantidade e não da qualidade, iniciou-se nos ministérios e expande-se por seus apêndices. Nosso conhecimento tornou-se rebarbativo e prolixo. Segundo Bourdieu é natural que a população brasileira tenha se decepcionado com os intelectuais, pois *“é, notadamente, com os ‘sábios’ do poder, economistas, juristas ou sociólogos, que colocam sua autoridade estatutária a serviço dos mais aptos políticos, pelo menos em longo prazo, para destruir todos os direitos sociais adquiridos e*

todas as solidariedades que os tornaram possíveis".¹⁷ Esta decepção leva a população a defender o ensino privado para punir os funcionários públicos de modo geral, pois tudo que é público perdeu o crédito.

Em razão desse processo é que me remeti ao passado histórico da FECILCAM e fui buscar em minha memória individual o coletivo, o coletivo que manteve o NUPEM desde que foi fundado. Por ele passaram pessoas que o tornaram o que é hoje, talvez, descaracterizado no sentido administrativo, pois foi fundado para ser um núcleo aglutinador de debates e produção de pesquisa, não para responder administrativamente por ela, mas seu papel era o de orientar a pesquisa. Quando fundado tinha um papel significativo, visto que a pesquisa foi proposta por ele, ou seja, nasceu de uma base que não sabia bem o que era pesquisa. Mas que tinha claro que era uma forma de contribuir para a saída daquela condição horista a qual a instituição estava relegada. Tinha claro que a pressão para mudança deveria vir também por este caminho e por essa razão a adesão de professores e alunos que enfrentaram e trouxeram para si a condução desse processo apresentou resultados. Foi, sem dúvida nenhuma, um processo coletivo e participativo de um corpo docente que desejava mudanças. Ao olhar de fora, pode parecer estranho que a pesquisa de iniciação na FECILCAM esteja dentro de um núcleo de pesquisa, mas ela aí está porque foi neste lugar que nasceu, na condição de um projeto proposto por uma professora, mas abraçado por muitos professores e alunos desta instituição, do contrário não teria prosperado. Também não foi apenas o NUPEM que o fez, as condições para que isto ocorresse estavam ali, a vontade de potência foi desenvolvida no momento em que se possibilitou sua desenvoltura.

As administrações da FECILCAM, dentro de suas visões políticas, lutaram e às vezes dificultaram, mas não impediram que se consolidassem as práticas de pesquisa na instituição, as condições foram garimpadas sim, mas não negadas e o país caminhou para a democratização do saber, democratização de verbas dentro da própria SETI e que resultou na conquista das primeiras bolsas junto a Fundação Araucária em 2005, assim como a inserção das cotas no Ensino Superior também já sinalizavam que vinha para ficar. Em 2006 quando deixei esta instituição o NUPEM já tinha 5 bolsas de IC oferecidas pela Fundação Araucária e criou sua própria cota de

bolsas, a partir de final de 2007 e que passou a vigorar em 2008.

A preocupação em explicar a origem do NUPEM e os trabalhos por ele desenvolvidos está pautada no fato de que este núcleo tem sob sua responsabilidade uma função que dentro das outras instituições está inserida na administração com funcionários efetivos. No caso da FECILCAM a IC teve sua gênese dentro de uma disciplina, foi formalizada em um núcleo de pesquisa e sempre teve a seu serviço estagiários, alunos que aprenderam a conviver com a burocracia e paralelamente desenvolveram pesquisa e faziam uso de espaço do NUPEM para estudo. Possivelmente um aficionado por burocracia poderá achar abominável tais práticas e dizer da ingenuidade que uma faculdade tem ao desenvolvê-las assim, eu diria: não fossem essas práticas a IC não teria alcançado os resultados que alcançou em 10 anos.

Ao olhar para o passado, podemos dizer que entre 1992 quando cheguei a FECILCAM e 2006 quando a deixei, ou seja 14 anos depois, a instituição havia atingido um avanço significativo, mas como procurei mostrar foi um processo de lutas, enfrentamentos e muitos resultados oriundos de uma coletividade. A notícia de que o CNPq reconheceu o trabalho da FECILCAM em cotas para orientação na IC, não poderia ser a melhor resposta a esta instituição, pois seus esforços estão sendo reconhecidos, talvez porque, mais que qualquer outra soube buscar este lugar de direito e de reconhecimento. Tenho claro que se não se tornar universidade, será um espaço de produção do conhecimento reconhecido e respeitado na ordem institucional do ensino superior no país, pois dentro do estado já tem um lugar de direito, por mérito, por conquista.

Portanto, ao ter chegado do outro lado do discurso, com enunciados mais memorativos que informativos e reflexivos, penso que será possível dizer que se um desejo precede a vontade do discurso e se encontra logo em sua entrada, este desejo, a voz oculta de que falava Foucault, foi minha formação e a de muitos outros colegas que trabalharam e trabalham ainda hoje para que os alunos da FECILCAM venham a produzir seus próprios discursos e possam um dia, como Foucault, como todos nós, dizer da vontade, da potência da palavra que precede o discurso, uma voz que quer se expressar e que começou na Iniciação Científica da FECILCAM,

assim como, hoje posso dizer, a minha palavra em potência, começou em minha formação na UEM, com meus mestres e meu orientador, assim como falou Foucault em seu discurso no primeiro dia em que ocupou a cadeira de seu mestre.

Eu não tive a oportunidade de pronunciar meu discurso ao entrar nesta instituição que me acolheu em meu primeiro exercício como professora efetiva do estado do Paraná, mas pude produzir este texto e me deparar comigo em um longo período da minha atuação profissional e, por meio dele, perceber que foram os anos mais férteis da minha profissão, pois compartilhei um processo político como o que conduziu minha graduação e sobre o qual sustentei minhas escolhas.

Portanto, a IC tem um papel fundamental para formação de futuros professores/pesquisadores, ela é a base da transformação, e quiçá ela venha a mostrar ao país, por meio dos programas de capacitação/qualificação que a quantidade não beneficia a ninguém, pois nada pode superar a qualidade.

E neste momento, retomo o pensamento inicial de Foucault ao dizer: não há começos, não é de mim que parte o discurso, mas de todos aqueles que participaram e participam do NUPEM, eu fui antes ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível que tem lugar neste ano comemorativo e assim sendo, é fundamental que a qualidade permaneça, que o compromisso não se findem, que a vontade não se esgote. Dez anos de IC é um mérito institucional sim, mas antes, um compromisso político de quem quebrou as estruturas mentais e simbólicas mencionadas por Baczko e Bourdieu. Sem que se tivesse vencido as amarras do passado, o conhecimento no presente teria se tornado opressor e somente instrumento de poder. A FECILCAM de um modo ou de outro, conseguiu distanciar-se de seu passado em suas ações, e se transformou no decorrer de sua história, principalmente na década em que estamos, materializou seus desejos, sua vontade de potência. Mas mais que isso, libertou-se de seu passado, embora sustentada por ele.

Notas

¹ Professora Doutora ligada no momento ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Exerceu a função de Coordenadora do

NUPEM entre abril de 1999 a junho de 2001.

² OLIVEIRA, Paulo de Sales. **Memória e Sociedade: ciência poética e referência do humanismo**. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000100008&lng=pt&nrm=iso#1a. Acesso em: 10 de jun 2009.

³ Apud. OLIVEIRA, Paulo de Sales. **Memória e Sociedade...**, 1995, p. 140.

⁴ LE GOFF, J.A. **História e Memória. 5 edição. Campinas:** Editora da UNICAMP, 2001.

⁵ BORGES, Jorge Luis. **A biblioteca de babel:** Emece Argentina, Buenos Ayres, 2000.

⁶ SKIDMORE, T. **Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985.** Trad. Mario S. Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁷ De acordo com Baczko, O controle do imaginário, de sua reprodução, de sua difusão e de seu gerenciamento assegura, em degraus variáveis, um impacto sobre as condutas e atividades individuais e coletivas, permite canalizar energias, influenciar as escolhas coletivas nas situações surgidas tanto incertas quanto imprevisíveis. BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 312.

⁸ Esta referência está pautada em panfletos que constituem o acervo documental do Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira situado na cidade de Campo Mourão, cuja proposta era divulgar horário e seu lugar de saída e passagem da passeata pela cidade. Em 1994 desenvolvi uma pesquisa sobre a história da FECILCAM e pesquisei os artigos de jornais existentes na biblioteca pública da cidade, onde também havia menção a esse período e fato. Porém, os panfletos localizados na época, compunham o acervo do museu.

⁹ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução de Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

¹⁰ ALMEIDA, Maria H. T. de; WEIS, Luiz. Carro-Zero e Pau-de-Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando (Org.); SCHWARCZ, Lilia M. (Coord.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4, p. 334-337.

¹¹ Esta prática de questionamento das estruturais mentais e de poderes é um fenômeno ocidental apresentado na narrativa de pois Guy Bourdé e Hevè Martin em seu livro Guy BOURDÉ e Hervé MARTIN. **As Escolas Históricas.** Trad. De Les écoles historiques, Paris, Eds. Seuil, 1983, pela ed. Mem Martins, Pubs. Europa-América, 1990, onde aponta como a Escola dos Annales surge de dentro do fazer histórico da Escola Metódica, guarda as devidas proporções obviamente, o repensar de práticas políticas, pedagógicas e de produção do saber apontam que a renovação nasce em seu próprio bojo. Podemos dizer que no caso da FECILCAM é o seu devir histórico se realizando.

¹² Em 1991, com a posse do novo governo, acabou-se com o caráter de Secretaria Especial e reativou-se a Secretaria de Estado da Indústria e Comércio, incorporando a esta as funções inerentes ao ensino superior e ciência e tecnologia (decreto 95, de 20 de março de 1991). Disponível em: [http://www.seti.pr.gov.br/arquivos/File/\(Microsoft%20Word%20-%20A_INSTITUCIONALIZA.pdf](http://www.seti.pr.gov.br/arquivos/File/(Microsoft%20Word%20-%20A_INSTITUCIONALIZA.pdf). Acesso em: 20 de jun 2009.

¹³ Esta orientação foi seguida e ambas muito ajudaram, mas como eu era uma ex aluna da UEM foi a ela que sempre recorri na orientação do processo de implantação da IC na FECILCAM, principalmente por meio de sua diretoria de pesquisa, cujo expressivo apoio foi fundamental para que, naquele momento, pudéssemos atingir nossos objetivos.

¹⁴ Para não ser injusta com colegas que trabalharam no NUPEM, pois posso deixar fora alguns deles, aponto em nota de rodapé que alguns estiveram mais presentes no seu cotidiano no primeiro grupo de orientadores que outros, mas não vou citá-los, pois poderia cometer erros e suprimir nomes, visto que além de nossas reuniões mensais com os orientadores, suas presenças quase que diária, era sempre uma troca que rendeu muita positividade nas ações do NUPEM.

¹⁵ Sivaldo era um aluno de Geografia que morava no sítio, tinha pouca informação e muitas dificuldades, suas limitações em decorrências da vida simples do campo trouxe-lhe, inicialmente, muitas dificuldades, mas o apoio dos colegas que freqüentavam o NUPEM fez com que superasse essas dificuldades. Não fez IC mas aprendeu como o cotidiano do núcleo, estudava ali, participava das discussões com outros alunos, participava das reuniões com alunos e orientadores e isso resultou em seu ingresso no mestrado da Universidade Federal da Grande Dourados, informações enviado por ele por e-mail, agradecendo a oportunidade concedida pelo NUPEM.

¹⁶ O mestrado interinstitucional entre a UEM e a FECILCAM foi fechado no contrato entre as duas instituições com mediações da Capes na Resolução No 014/99-CEP e com o acordo registrado no processo no 2.908/98 da Universidade Estadual de Maringá.

¹⁷ Pierre BOURDIEU. **O Campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Trad. Roberto L. Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p.13.